

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda Olaria

código
AVI - FO3 - TM

localização
seguindo pela RJ-146, estrada que liga Bom Jardim a Visconde de Imbé, na altura do km 40, próximo à localidade de Barra Passos

município
Trajano de Moraes

época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
residencial / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

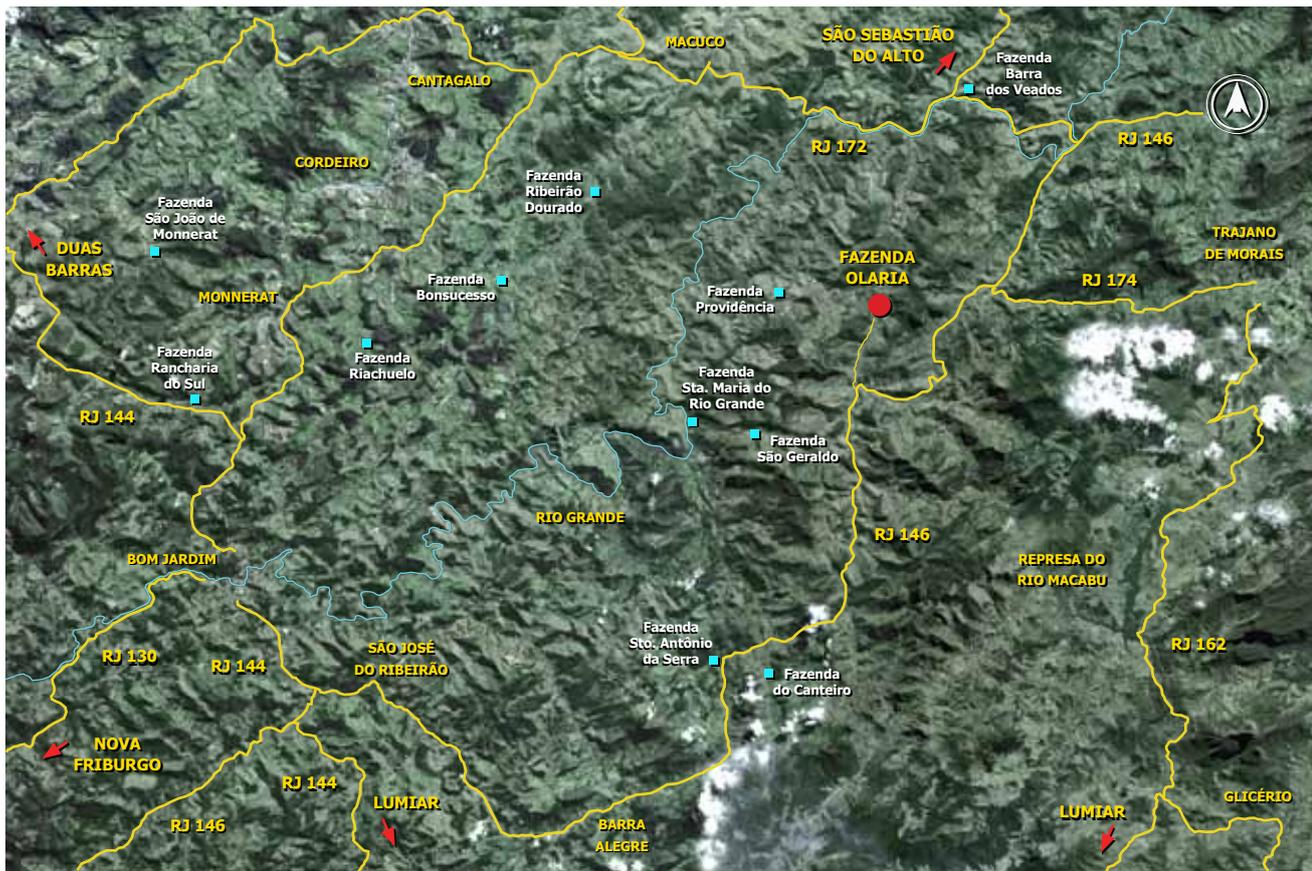
proprietário
particular



casa-sede da Fazenda Olaria

coordenador / data **Alberto Taveira – mar 2010**
equipe **Alberto Taveira, Michelly Alves de Oliveira e Amauri Lopes Jr.**
histórico **Roberto Grey**

revisão / data
Thalita Fonseca – jul 2010



situação



ambiência

A Fazenda Olaria localiza-se na Região Serrana do estado do Rio de Janeiro. No km 102 da RJ-116, para quem vem do Rio de Janeiro, tem-se acesso à direita à RJ-146, estrada asfaltada que liga Bom Jardim a Visconde do Imbé, em Trajano de Moraes. Nessa rodovia, em seu km 40, encontra-se, à esquerda, a localidade de Barra dos Passos, após a qual, tomando-se o caminho ensaibrado para a “olaria”, percorre-se cerca de 4 km até a porteira da fazenda (f01).

A partir dessa entrada, seguindo por um caminho de terra, cruza-se um ribeirão (f02) através de uma ponte em concreto armado sustentada por estrutura metálica (f03), alcançando-se a casa-sede da fazenda 200 metros à frente.



01



02



03

A paisagem no entorno da propriedade exibe morros parcialmente recobertos com mata nativa, apresentando gramíneas no restante da área, e ausência de vegetação indicativa da localização dos antigos cafezais (f04). O “quadrilátero funcional”, assim chamado por compreender toda a parte da eficiente máquina de produção cafeeira, é bem delineado, localizado à direita da casa-sede, podendo ser visto de cima, da estrada que chega à fazenda (f05). Entenda-se a expressão quadrilátero funcional, em tese, pela reunião da casa de morada ou sede – com capela interna ou em construção própria –, terreiro de secagem de café, tulhas, engenho e senzala, fechando um espaço restrito e contíguo, ao alcance do proprietário. O conjunto de edificações dessa fazenda mantém uma capela (f06) em prédio próprio, onde originalmente funcionava um escritório ou casa de negócios; as antigas tulha (f07) e engenho (f08); um curral (f09), no local das antigas senzalas, além do terreiro de secagem de café (f10).



04



05



06



07



08



09



10

Completa a ambiência da casa-sede um jardim frontal, em que se destacam bacia com repuxo em ferro fundido (f11 e f12), gazebo (f13) e gruta coberta por hera (f14 e f15) executados na “arte da cascata”¹, além de pomar (f16) e piscina (f17).



11



12



13



14

¹Assim dita popularmente por reproduzir, em argamassa, aspectos bucólicos, tais como troncos, pedras, riachos, ruínas e quedas d’água, ao gosto do Romantismo.



15



17



16

A casa-sede da Fazenda Olaria assume um partido tipológico diferente da maioria das fazendas de café fluminenses, mantendo um pavimento sobre porão baixo² voltado para a fachada principal, e dois andares na fachada posterior (f18 e f19).

Apresenta base em pedra, “gaiola” estrutural em madeira, paredes em pau a pique e telhado em oito águas, com ponto elevado e recobrimento de telhas do tipo capa e canal. A fachada principal é dominada pela escada com dois lances paralelos.

A fachada principal é centralizada por uma escada de acesso ao interior da casa, com dois lances opostos paralelos à fachada que levam a um patamar em pedra, destacando-se o guarda-corpo em argamassa armada que reproduz troncos entrelaçados de árvore (f21 e f22). Na sua base, inscreve-se um óculo circular para ventilação do porão.

Dividida de forma clássica em embasamento, corpo e coroaamento, também apresenta simetria em sua composição longitudinal, ostentando portada única em posição central ladeada por dois conjuntos de três vãos de janelas. Todos os vãos apresentam cercaduras e esquadrias em madeira: a porta mantém duas folhas enrelhadas, e as janelas, esquadrias externas em veneziana, e internas em caixilharia de vidro (f23).

No embasamento, surgem pequenas aberturas alternadas para ventilação do porão, ditadas pela quadrícula do tijolo maciço usado em sua vedação.

A composição é limitada nos cunhais por pilastras lisas e, horizontalmente, também por barras lisas entre o embasamento, corpo e acima deste, sendo terminada por beiral com discretos cachorros, parecendo ter sido, outrora, forrado.



18



19



20

²Segundo os proprietários, o porão era aberto, com transcurso livre, o que ajudava a ventilar o pavimento nobre. Os vãos foram vedados com tijolos, na década de 1990, por questões de segurança.



21



22



23

As fachadas laterais contam a mesma história estética. Na esquerda, o correr de janelas determina o setor íntimo e seus vários quartos (ver foto 17). Já na fachada da direita, o elemento de interesse é o acesso de serviço, realizado através de escada que conduz a uma varanda elevada (f24 e f25), onde estão os vãos que se voltam para o setor social.

Ao fundo, a improvisação impera, com vedações e esquadrias contemporâneas diversas (f26).

Internamente, a partir da escada de acesso frontal, chega-se a um comprido salão, com duas flagrantes subdivisões, onde se destaca uma liteira³ (f27 e f28). À direita, uma circulação com roda-teto decorado (f29 e f30), que leva a uma sala de estar (f31).

A partir dessa sala, alcança-se um quarto (f32), uma capela com claraboia (f33 e f34), uma saleta e uma sala de música (f35 e f36) – com banheiro anexo –, onde ensaiava a conhecida banda de escravos da fazenda.



24



25



26



27



28



29

³Essas peças eram usadas, principalmente, pelas mulheres. Carregadas por escravos, variavam de modelo conforme as posses do proprietário. Os mais ricos encomendavam-nas luxuosas, com janelas acortinadas e paredes ornamentadas com desenhos ou suas iniciais.



30



31



32



33



34



35



36

Da sala de música e quarto, em ligações paralelas através de duas saletas, chega-se à sala de almoço e à outra saleta (f37). Desta última, alcança-se a sala de jantar (f38 e f39), um quarto com banheiro (f40 e f41) e a varanda de fundos (ver f26).

A sala de almoço apresenta alpendre vidrado (f42), vedação que se estende à circulação contígua, para a qual se volta um quarto de despejo. Através dessa circulação, chega-se ao setor de serviço, composto de copa (f43) e cozinha (f44).

Fato interessante é que somente se chega à ala privativa da casa – composta por seis quartos, dos quais apenas um possui banheiro – a partir do setor de serviço, num trajeto bastante longo.

A circulação, que se estende para o setor íntimo, mantém a padronagem de vedação em caixilharia (f45), e apresenta como curiosidade a existência de um vazadouro das águas de lavagem para o porão (f46). No trecho de circulação junto ao setor de serviço, esse corredor é aberto (ver f42) para uma escada em pedra que leva ao pátio interno, calçado em lajeado de pedra no piso inferior (f47).

Nos setores íntimo e social, os pisos são em tabuado de madeira – exceção do salão frontal – com paredes argamassadas – algumas exibem barras com pintura decorativa – e forros em madeira saia e blusa. No setor de serviço, há pisos cimentados, tipo vermelhão, paredes argamassadas e telhas vãs. O banheiro de fundos, de melhor fatura, conta com ladrilhos hidráulicos e azulejos com barra decorada, ainda assim, de execução não muito antiga (ver f41).



37



38



39



40



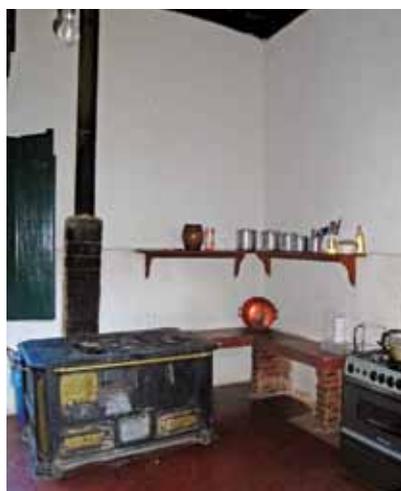
41



42



43



44



45



46

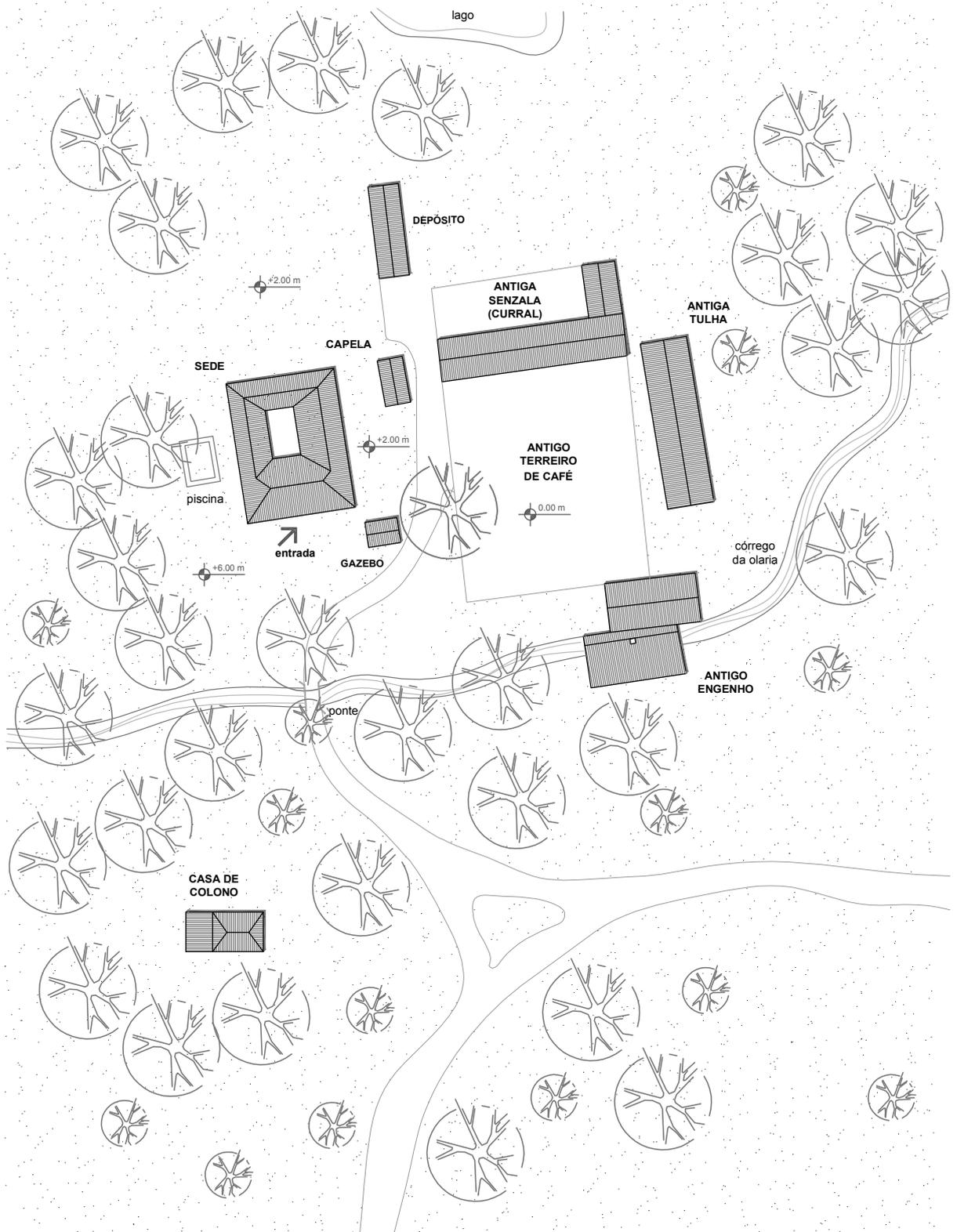


47

A Fazenda Olaria mantém bom estado de conservação, apresentando, entretanto, alguns pequenos problemas, principalmente em relação ao recobrimento da pintura de seu revestimento em argamassa (ver f17 e f19). Faz-se necessária uma nova pintura geral, inclusive das peças em madeira de seus vãos (cercaduras e esquadrias), bem como de uma limpeza da cantaria de sua escada de acesso principal (ver f21 e f22).

O entelhamento, sobretudo nos beirais, apresenta telhas corridas e/ou descasadas, o que se reflete em possíveis infiltrações descendentes (ver f27 e f28).

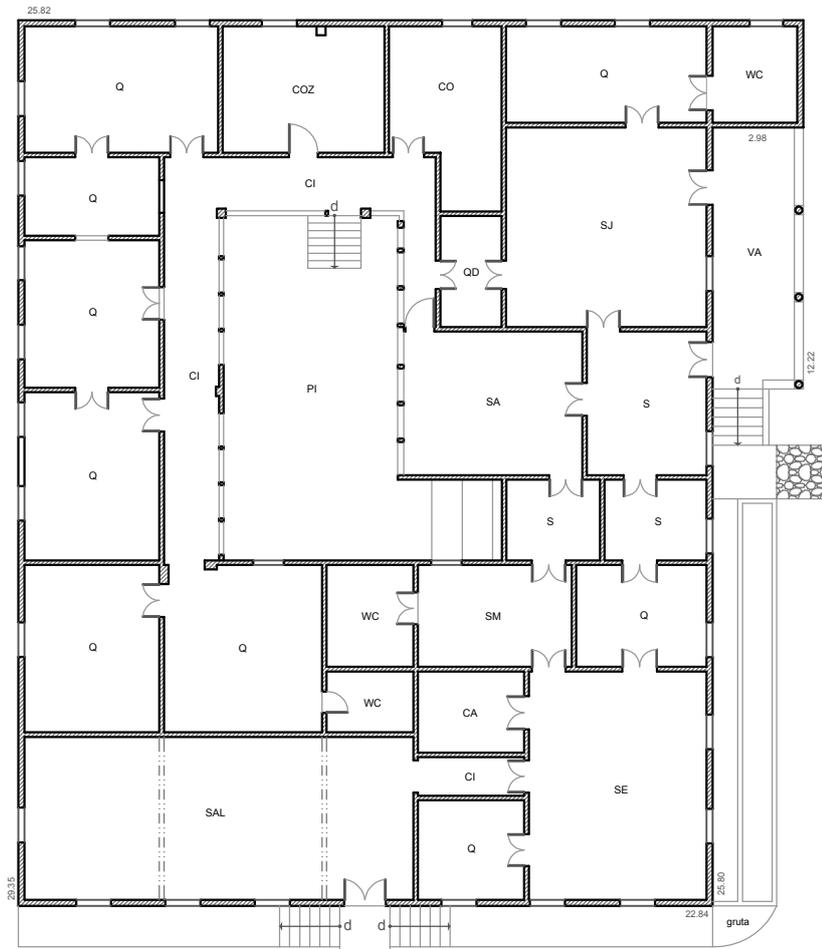
FAZENDA OLARIA



1 Implantação
escala 1/1250



FAZENDA OLARIA



1 Planta Baixa da Sede
escala 1/200



CA - capela	COZ - cozinha	Q - quarto	SA - sala de almoço	SJ - sala de jantar	WC - banheiro	alvenaria existente
CI - circulação	DEP - depósito	QD - quarto de despejo	SAL - salão	SM - sala de musica		alvenaria demolida
CO - copa	PI - pátio interno	S - saleta	SE - sala de estar	VA - varanda		

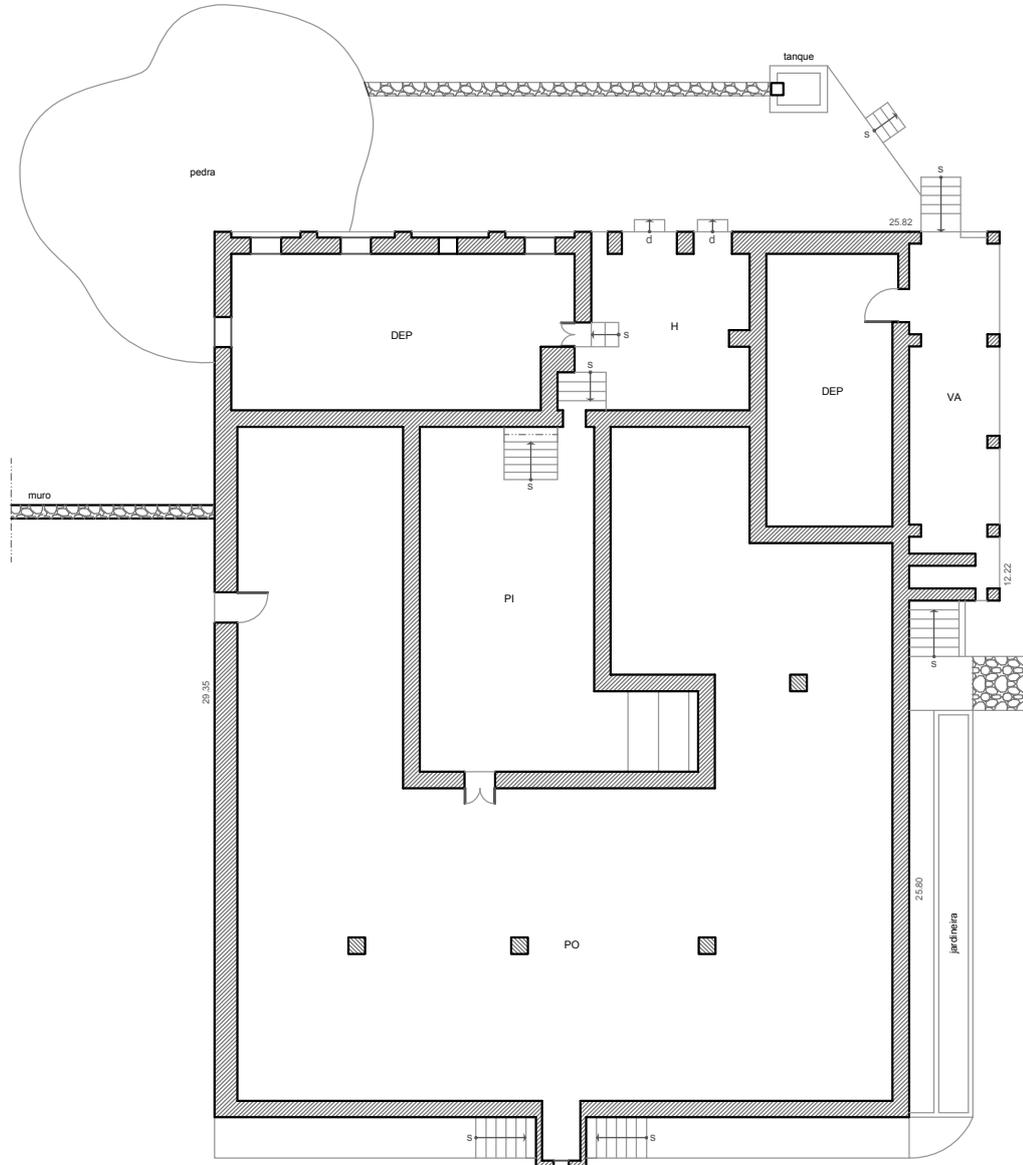
Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AVI - F03 - TM

2/3

equipe: Alberto Taveira / Michelly de Oliveira	desenhista: Amauri Lopes Junior	revisão: Francyla Bousquet	data: mar 2010
---	------------------------------------	-------------------------------	-------------------

FAZENDA OLARIA



1 Planta Baixa da Sede - Porão
escala 1/200



DEP - depósito PI - pátio interno VA - varanda
H - hall PO - porão

alvenaria existente
 alvenaria demolida

A Fazenda Olaria, às margens do Ribeirão dos Passos, na freguesia de São Francisco de Paula, foi comprada por João Antônio de Moraes, barão de Duas Barras, supostamente do capitão e comendador João Lopes Martins, futuro sogro de sua filha Felizarda, e também proprietário da vizinha Fazenda da Providência, além de uma sesmaria à beira do Ribeirão Dourado e das fazendas Boa Vista e Sossego.

Uma famosa olaria deu o nome à fazenda, que possuía uma grande sede com 12 quartos, inúmeras salas, pátio interno, armazéns, senzala, engenho, monjolos, alambique e todo o maquinário da época, capaz de ser movido pela força das águas do ribeirão que a cortava.

Em 1852, casa-se a filha mais velha do barão e da baronesa de Duas Barras, Felizarda, com o filho do capitão João Lopes Martins, Francisco Lopes Martins, que enviudara em 1841 de sua primeira boda. O casamento foi realizado na capela da Fazenda Santa Maria do Rio Grande, de propriedade do barão, e os recém-casados foram morar na Fazenda da Olaria, do pai da noiva. Em 1858, o casal deixa a Olaria para morar na nova sede que haviam mandado construir na Fazenda da Providência.

Francisco Lopes Martins adoece poucos anos depois de casado, terminando por perder as faculdades mentais. Felizarda Lopes Martins, uma mulher de temperamento forte, encabeça e faz prosperar todos os negócios da família, associando-se a seu filho Alfredo Lopes Martins.

Por morte desta, a Olaria, que Felizarda herdara de seus pais, os barões de Duas Barras, em 1872, coube a seu filho, João de Moraes Martins. Este se casou, na década de 1880, com sua prima-irmã Honestalda Moraes de Mello, neta dos barões de Duas Barras. O casal morava na Olaria e não teve filhos. Assim, criaram vários sobrinhos e primos, ajudaram outros parentes e ainda cuidaram de muitos filhos pobres dos seus empregados. Era um casal de fazendeiros empreendedores que se destacou também na política. João de Moraes Martins chegou a ser deputado estadual. Ele e Honestalda apadrinharam seu primo, Raul de Moraes Veiga, que acabou eleito presidente do Estado do Rio em 1919. João era muito sociável, gostava de festas, tendo criado uma banda de música na fazenda, a Pena de Ouro, cujo maestro foi Sizínio Pereira de Souza, pai de José de Moraes Souza. Os instrumentos musicais da Pena de Ouro ainda se encontram até hoje na Fazenda Olaria.

Depois do falecimento de João de Moraes Martins, em 1933, Honestalda, auxiliada pelo seu afilhado favorito, José de Moraes Souza, assumiu os negócios da família, administrando suas outras fazendas e até mesmo fundando o Banco de São Francisco de Paula. Chegou a ter 220.000 pés de café produtivos e 1.400 alqueires de terras.

Honestalda, tal como sua tia e sogra Felizarda, era dona de um temperamento forte. Em 1936, conseguiu o feito de ser prefeita eleita de São Francisco de Paula: uma das primeiras, senão a primeira prefeita do país. Apesar de sua conhecida severidade como administradora, era uma anfitriã afabilíssima e incansável aglutinadora da família. A mesa da Olaria era conhecida pela sua qualidade e abundância.

Com sua morte, em 1956, aos 90 anos de idade, deixou como seu principal herdeiro, o Dr. José de Moraes Souza, que ficou com a Fazenda Olaria, com uma área de 494 alqueires. Além de excelente médico, coronel da Cavalaria e fazendeiro empreendedor, José recebeu também a herança política de Honestalda e do coronel João, tendo sido eleito duas vezes deputado estadual. Uma nota pitoresca é que, como filho de maestro, o Dr. José era um exímio assobiador, que por vezes encantava suas visitas assobiando com perfeição grandes trechos de óperas conhecidas.

A Olaria ficou para seu filho e atual proprietário, João de Moraes Souza, casado com Leda Silva de Moraes Souza. Seguindo a vocação política de seu pai, João se elegeu prefeito de Trajano de Moraes por quatro mandatos.

Bibliografia:

RAMOS, Lécio Augusto. *A História de São Sebastião do Alto 1786-1991, A Mesopotâmia Fluminense*. Editado pela Prefeitura de São Sebastião do Alto, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História de Família: Casamentos, Alianças e Fortunas*. Léo Christiano Editorial, 2008.

Genealogia Fluminense, Cantagalo, no Google.

Livros de Registro Paroquial de Terras de 1855-56, do Município de Cantagallo, no Arquivo Estadual (internet).

Entrevista com Sr. Bento Luís Lisboa.